

o Roberto

Página TRÊS

Pesquisa. Um levantamento das edições do censo entre o ano de 1872 e os dias atuais indica o quanto a cidade mudou e compara os hábitos da população ao longo desse período

Nova Vitória a cada dia

Foram os grandes aterros, a maior parte realizada na década de 50, que mudaram a cara da Capital

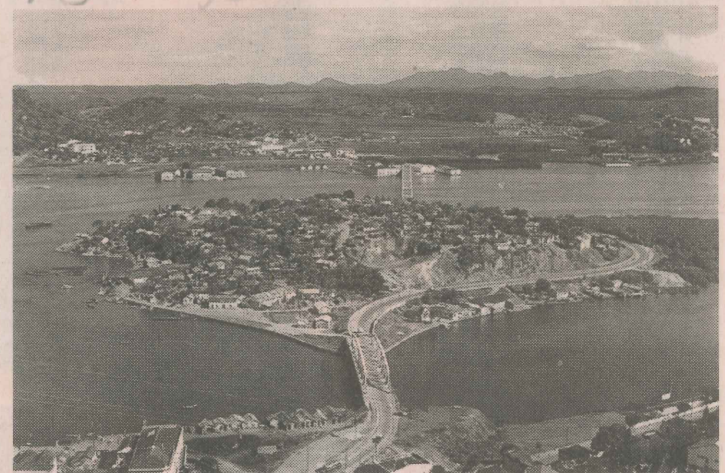
VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

Quem passa pelas ruas de Vitória nem de longe imagina que houve um tempo em que a cidade não contava com espaço sequer para ruas. Era uma ilha onde as montanhas despencavam diretamente no mar. Foram os grandes aterros – a maior parte feita a partir da década de 50 – que mudaram por completo o perfil da Capital e o modo de vida de seus moradores. Foi quando surgiu uma outra Vitória.

O tamanho dessa mudança é revelado por um levantamento de todos os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) no município, desde 1872. O material, produzido pela Secretaria de Desenvolvimento da Cidade (Sedec), mostra que os mais de 16 mil habitantes – que naquela época usavam lampião e fogão à lenha – já são mais de 325 mil – que não abrem mão de geladeira, computador e carro.

POUCOS BAIRROS

Com pouco menos de dez bairros – hoje são 79 –, era uma cidade onde as pessoas gostavam de andar a pé apesar dos bondes, que dividiam espaço

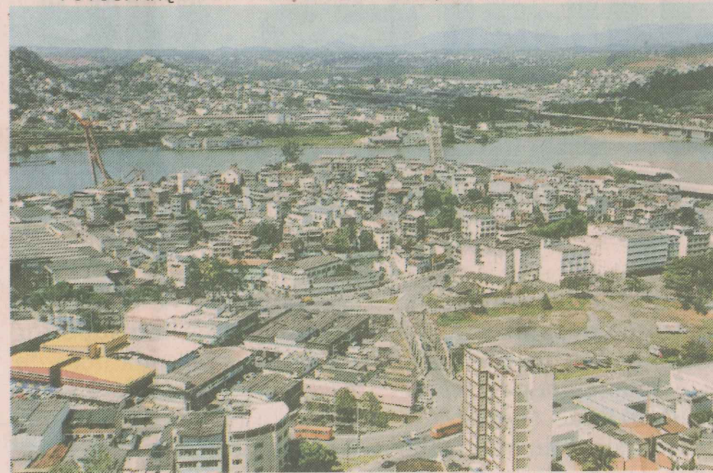


As fotos acima mostram o Mercado da Vila Rubim, a ponte e a Ilha do Príncipe: a da esquerda, é de 1940; e a outra, de 2004, com a região transformada pelo aterro que deu a uma das partes da Ponte Florentino Avidos o nome de Ponte Seca. Abaixo, o manguezal, também em 1940, que após aterrado deu origem aos bairros de Bento Ferreira, Ilha de Monte Belo e parte de Jucutuquara.

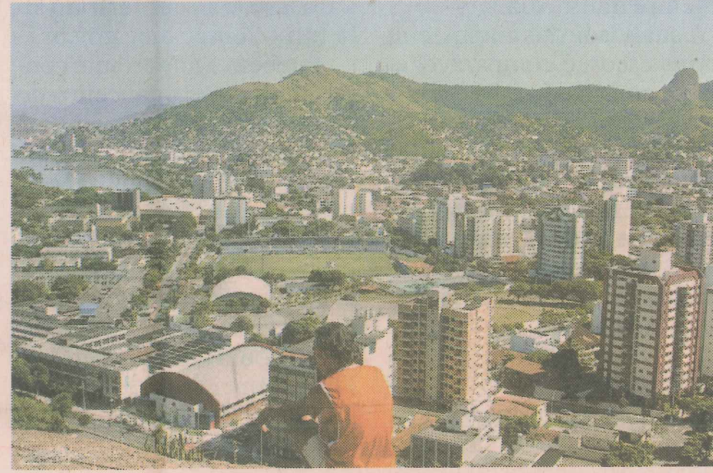


nas ruas com poucos carros. Não havia shoppings ou supermercados. “As compras eram feitas em armazéns do governo e, quando se precisava de algo mais diversificado, o recurso

era o Mercado da Vila Rubim”, conta José Tatagiba, autor de vários livros sobre Vitória antiga. O primeiro grande aterro público foi feito para a construção do Parque Moscoso, na dé-



FOTOS: ARQUIVO PÚBLICO DE VITÓRIA/SEDEC E DE JOSÉ TATAGIBA



cada de 20. Trinta anos depois, para melhorar as condições portuárias, explica Kleber Frizzera, titular da Sedec, foi iniciada uma nova leva de aterros. Eles mudaram a geografia da

Vila Rubim, garantiram espaço para a construção da rodoviária, de novas avenidas – como a Beira-Mar – e de novos bairros. Sem contar que viabilizaram novas ligações com outros mu-

nicípios, como a Segunda e a Terceira pontes. As mudanças foram tão intensas que a partir de 1980 já não havia mais registro de área rural em Vitória.

FUTURO

Com o crescimento veio o acesso a energia, água encanada, saneamento e bens de consumo, inclusive nas periferias. Hoje, já vivendo dilemas de grandes cidades – com congestionamentos e pouco espaço para crescimento –, Vitória precisa superar desafios semelhantes ao do passado, diz Frizzera. Tem que romper os obstáculos geográficos e até sociais que impedem que a cidade tenha continuidade.

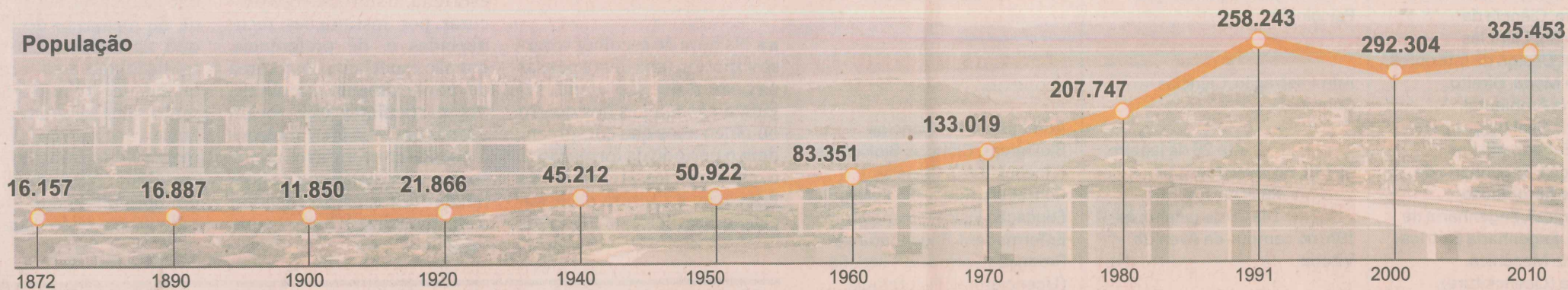
Ele refere-se não só ao fato de se poder transitar por todos os bairros, mas de se oferecer uma programação – pública e privada – sem interrupções, que permita ao cidadão desfrutar da cidade. Mas Frizzera se mostra otimista: “Nos próximos dez anos, tudo aponta para uma excelente qualidade de vida, para uma nova fase de Vitória”.

VEJA NO ONLINE

- Detalhes sobre todos os censos de Vitória
- Vídeos que mostram a cidade nas décadas de 30 e 50
- Galeria com fotos de Vitória antiga, tudo em agazeta.com.br/diaadia

Uma cidade em transformação

Os 12 censos realizados pelo IBGE registraram mudanças que vão do aumento da população ao número de bens, como geladeira e televisão



CENSOS

1872

Vitória tinha **3.360** pessoas livres e **1.001** escravos. Só **3 pessoas** não eram católicas

1890

Eram **6.626** moradores na ilha, a maioria mulheres (**3.320**)

1900

Vitória tem menos habitantes do que Cachoeiro, município mais populoso do Estado, com **19.962** habitantes

1920

11.200 sabiam ler e escrever, contra **10.666** analfabetos

1940

A maioria era de solteiros (**29.674**). Os separados, divorciados e desquitados somavam **160**. E havia **2.508** viúvos

1950

Vitória supera, em escolaridade, o grande centro capixaba da época, Cachoeiro. Passa a ter **18.418** pessoas com escolaridade completa

1960

Dos **15.236** domicílios, **9.579** têm rede de água, **1.966** poço ou nascente e **10.441** energia elétrica

1970

É o primeiro censo a contabilizar automóveis. Há **4.617** em Vitória. Geladeiras estão em **12.149** casas; televisão, em **11.166**; e rádio, em **18.212**

1980

Já não existe mais população rural em Vitória

1991

Havia televisão em preto e branco em **23.897** casas, em cores em **45.219** e rádio em **60.901**

2000

Começam a ser contadas pessoas com mais de 100 anos. O catolicismo é a religião de **185.861**. Os evangélicos são **64.846**; e os espíritas, **5.975**. Possuem outras religiões **35.622** pessoas

Fonte: Levantamento da Sedec/PMV a partir de informações do IBGE

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

CHICO GUEDES



Sua paixão é a Rua Sete, no Centro

Foi lá na Rua 7, número 300, que nasceu – pelas mãos de uma parteira – o administrador e advogado Sérgio Sarkis, 75 anos. “O melhor endereço da cidade”, conta, com um indisfarçável orgulho de quem viveu em uma Vitória que já não existe. Ele acompanhou de perto todas as transformações. Lembra que até 1950 só havia a Jerônimo Monteiro, por onde transitavam carros e bondes. “E sem congestionamento”, brinca. “Era uma vida sem pressa, com namoros longos e muitas caminhadas”, pontua Sarkis, que ainda corta cabelo no Centro para não perder o contato com os amigos.

GILDO LOYOLA



Ela vivia no areal que hoje é bairro nobre

Hoje ela reside num dos bairros mais disputados de Vitória, mas nem sempre foi assim. Em 1964, quando foi morar em Jardim da Penha, a região era só mato e areal. “Só pobre morava aqui, em casas de madeira”, conta a dona de casa Maria de Lourdes Estevão Rangel, 67 anos. No local não havia água encanada, energia elétrica ou comércio. “A iluminação vinha do lampião, e as compras tinham que ser feitas na feira de Gurigica”, relata Lourdes. Para ir à igreja, em Vila Velha, era preciso caminhar por trilhas até a Fernando Ferrari e enfrentar dois ônibus. Mas seus filhos gostavam de nadar na lagoa, onde hoje tem um supermercado.